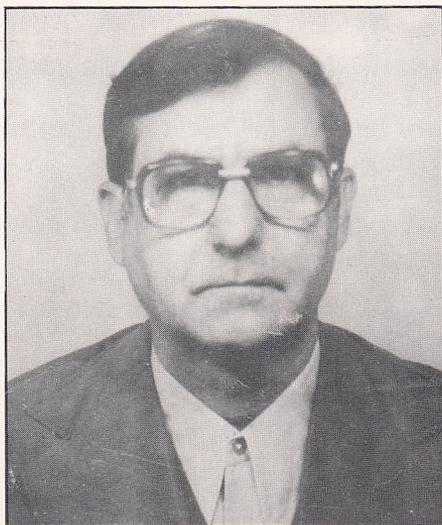


**LICEU SALESIANO NOSSA SENHORA AUXILIADORA  
CAMPINAS — SÃO PAULO — BRASIL**

*Campinas, 23 de março de 1990*

*Apenas 62 dias após a morte do Pe. Martinho Gaidys, o Senhor bateu novamente à porta do Liceu Salesiano Nossa Senhora Auxiliadora de Campinas para chamar mais um irmão sacerdote. Era a vez do querido*



**Pe. ANTONIO MÓBILI**

Tinha ele 60 anos de idade, 29 de sacerdócio e 39 anos de profissão religiosa na Congregação Salesiana.

Campineiro de nascimento, desde pequeno viveu à sombra da Congregação Salesiana, como oratoriano, aluno e coroinha.

Como todos os seminaristas salesianos de então estudou em Lorena, Lavrinhas, Pindamonhangaba e em São Paulo. Sempre humilde, piedoso e trabalho entregava-se totalmente às suas obrigações.

Tanta era a sua boa vontade e tão grande a delicadeza de sua consciência, que teve que lutar a vida inteira contra os escrúpulos.

Encontrou na Congregação Salesiana a grande possibilidade de continuar a viver os ideais cristãos desabrochados na sua família cristã, e assim, já no seu aspirantado, se colocara diante do futuro que almejava: 1) Quero tornar-me santo; 2) Desejo ser missionário salesiano entre os índios; 3) Peço a Deus o dom da eficácia da palavra para anunciar as verdades de Deus.

Franzino de compleição, nervoso de temperamento, afetivo no trato com os demais, dedicado ao trabalho, preocupado com sua saúde... Estes eram os componentes de sua personalidade, que vinham sempre aliados a um grande amor com a juventude pobre e marginalizada, que era o eco do seu lema sacerdotal: — “Padre! Sempre e acima de tudo, Padre!”

O medo de vir a contrair o câncer o atormentava e o levava a uma grande insegurança. E era sob este prisma que via os seus constantes achaques, provenientes de sua saúde muito fraca: indisposições, úlcera, problemas de fígado, de coluna, artrite... Não obstante o grande amor que nutria para com Deus, que o impulsionava a trabalhar sem descanso, sofria de uma verdadeira fobia, a ponto de pedir constantemente a Deus que o livrasse de longos sofrimentos.

E o Senhor o atendeu, e o fez de um modo que nos deixou a todos profundamente desconsertados.

O Pe. Móbili tomava muitos remédios, muitos deles por autome-dicação, ou por indicação de pessoas conhecidas.

Mas a doença e a conseqüente morte, a todos causou espécie, pois foi demasiadamente rápido o desenlace, e a causa mortis foi um problema que não se manifestava nele desde o longinquo 1942: uma crise aguda de insuficiência respiratória.

O problema se manifestou no dia 11 de janeiro, às 06:00h, logo após o seu banho. Foi logo atendido carinhosamente pelo Dr. Francisco Benjamim de Souza Filho, e às 10:00h, internado no Hospital Santa Teresa pelo Dr. Angelo Favaretto.

Os primeiros exames já revelaram graves problemas no pulmão esquerdo, e o tratamento se iniciou incontinenti. Passou bem a tarde e a noite, na sua primeira parte, brincando e dizendo que no dia seguinte já estaria de volta ao Liceu. Nas primeiras horas da madrugada, porém, aconteceu a segunda crise, que não obstante todos os

cuidados médicos, o levou inexoravelmente. Era 05:45h, do dia 12 de janeiro de 1990.

Os amigos do Liceu e os seus numerosos ex-alunos ficaram consternados com o seu rápido desaparecimento. Mas todos tem certeza absoluta de que, como cada um colhe à hora da morte, o que semeou durante a vida, o bom Pe. Móbili logo foi recebido na casa do Pai.

Deixou o Pe. Móbili um pequeno acervo de cartas dirigidas a Nossa Senhora, escritas durante os longos anos do seminário. A devoção a Nossa Senhora sempre o fascinou.

A vida missionária entre os selvícolas o atraia muito e sentia-se nisso êmulo do Pe. Balzola, cuja vida escreveu toda ela a mão e conhecia profundamente. Não conseguiu, no entanto, realizar o sonho de ser missionário, lá na Amazônia, devido à sua fraca saúde. Conseguiu apenas fazer o tirocínio prático na cidade do Recife, pertencente então à Inspetoria Missionária Salesiana do Norte do Brasil.

De agradável conversação, era a alegria da comunidade salesiana, especialmente à hora das refeições, sabendo sempre levar as coisas em brincadeira com os seus costumeiros “fioretti”.

Tinha um grande amor aos meninos pobres, a quem amava como D. Bosco.

Por toda Casa Salesiana por onde passou, tornou-se o responsável pelo trabalho cansativo do oratório festivo.

Em 1989, quando tratava comigo da necessidade de pedir ajuda às famílias dos alunos do Liceu, para angariar alimentos para os oratorianos e como eu lhe fizesse alguma observação sobre a inoportunidade do momento porque passavam o Brasil e as famílias, dada a crise financeira, ele repetiu solenemente como Domo Bosco: — “Aproveitem para ganhar o céu dando da sua riqueza aos pobrezinhos, senão irão para o inferno com a sua riqueza!”

Quando tomou conhecimento da morte do padre amigo, um dos oratorianos bem pequeno e bem pobre, cujo pai o abandonara, deixando-o sozinho com a sua mãezinha, disse: “AGORA, nós ficamos órfãos!”

Resumindo a sua vida de dedicação e de trabalho, nós nos poderíamos expressar assim: “Fez tudo o que estava a seu alcance!” Exerceu toda a sua capacidade de amar, como diz a Sagrada Escritura: “Alegre e contente eu dei tudo!”

Que o Bom Deus continue a chamar gente assim para a Família Salesiana, disposta a entregar-se sem reserva alguma à missão sale-

siana, para que de fato Dom Bosco continue vivo, hoje, a fim de agir eficazmente em favor da juventude que nós temos sob nossos cuidados: a juventude liceana, tipo escola do Liceu, e juventude paroquiana do Liceu, tipo oratoriano.

Pedimos a sua caridade em se unir conosco em Eucaristia pelos anos em que o Senhor nos emprestou este irmão, e pelo seu descanso eterno. Reze também por esta comunidade tão provada por Deus, que quer tanto falar conosco e fazer-se entender, uma vez que em dois meses chamou para junto de si dois de nossos irmãos.

Pela Comunidade Salesiana do Liceu Salesiano N. S. Auxiliadora, o

*Pe. Plínio Possobom*

Dados para o Necrológio

Nasceu em Campinas — São Paulo — 15/04/1930

Faleceu em Campinas — São Paulo — 12-01-1990